



pt Reflexão Original Anti-Capitalismo Anti-Colonialismo

# Programa de Ajustamento Estrutural e os monstros

## AN Original - Alice Comenta

2020-03-31

Por Teresa Cunha

Há anos que uma estória não me sai da cabeça. Estávamos a almoçar num restaurante junto ao rio. Agora esse restaurante já nem existe. Foi levado pelas águas do rio. Mas o importante é que a estória, mais material do que o rio e do que o restaurante, nunca desapareceu da minha cabeça. Chamei-lhe 'Programa de Ajustamento Estrutural e os monstros'.



Conversávamos tentando fazer umas análises sobre a situação do mundo. Nós as três, amigas de longa data, interessadas por política e militantes, íamos argumentando sobre o estado das coisas, como ainda as coisas podiam piorar e como pensávamos que deveriam ser pensadas as alternativas, concretas, fiáveis e justas.

Uma conversa confortável, com vinho nos copos e boa comida nos pratos. No desfiar dos argumentos trazidos para a mesa o semblante dela começou a mudar. Havia mais rugas nos olhos dela e o garfo e a faca ficaram parados nas mãos. Como se calou por alguns minutos demos logo por isso porque ela não tem o hábito de se emudecer; muito menos de deixar de dar a sua opinião sobre assuntos graves e sérios como aqueles que se enfrentam no mundo de hoje. Ela é uma mulher informada, preparada, viajada que assume há anos cargos públicos com um grande discernimento e competência. Mas não é dela que é preciso falar mas sim do que ela nos contou.

Estava no Japão para uma conferência de líderes e outros, os chamados, *stake-holders*. A coisa passava-se num ambiente de mais ou menos à porta-fechada e muito sumptuoso. Só entravam altas figuras da finança, das empresas, da política mundial. Ela tinha sido convidada representando a instituição política para a qual trabalha há vários anos. Ela julgou que era mais um caso de representação institucional a que o cargo a obriga. Nada a fez pensar no que se iria passar dentro da sala luxuosamente decorada como só na Ásia se pode encontrar. Passados os protocolos iniciais entraram na conversa, a convite da organização, os especialistas.

Naquele momento da estória, todas nós tínhamos deixado de comer e apenas íamos bebericando o vinho pois já tínhamos antecipado que vinha lá uma coisa muito séria.

Os especialistas vinham apresentar às/aos convidadas/os algumas demonstrações estatísticas e fazer algumas propostas para serem discutidas e deliberadas. A primeira demonstração era sobre a incapacidade do planeta aguentar por muito mais tempo o aumento populacional registado nas últimas décadas e muito menos aquele que se projecta para as seguintes. Até aqui nada de muito novo. Até parecia que o alerta ajudava a compreender que alguma coisa teria que ser feita sobre o modo como nos comportamos e lidamos com o nosso planeta cada vez menos azul.

A segunda demonstração dedica-se a identificar as populações que sobram, que estão a mais, que são dispensáveis à vida na Terra. Aqui as coisas começaram a complicar-se porque o rumo da conversa adensava a ideia de que as coisas estavam a ir por caminhos muito obscuros. Era preciso aguentar para tentar perceber afinal, o real objectivo desta reunião de líderes, empresárias/os e outros stake-holders do mundo.

A demonstração feita pelos especialistas, localizava geográfica e etnicamente os grupos de pessoas que estão a pesar no planeta e que, além de não serem precisas, era até bom que fossem descartadas.

Nesse momento, ela não aguentou as lágrimas e pediu a palavra mas não era a altura para dar a voz a uma mulher emocionada. Foi impedida. Resolveu sair em protesto mas ainda ouviu o terceiro especialista começar a sua apresentação sobre o seguinte tema: como fazer para nos livrarmos dessa gente? Que medidas tomar, que políticas implementar, que estratégias desenvolver?

O vinho já se tinha acabado e mandámos vir mais uma garrafa. Confortavelmente. Em silêncio respirámos por suspiros por alguns momentos. Se não fosse aquela mulher a contar, ela que é séria, que jamais inventaria nada assim, eu preferia pensar que era mais uma teoria da conspiração protagonizada por um conjunto de loucos.

Os nossos semblantes eram decerto patéticos naquele momento. Entre a boca e o copo de vinho nascia um grande amargor mas, afinal, como acabou essa conferência, reunião, encontro, ou lá o que foi?

- Não sei. Vim-me embora e fui repreendida pelos meus superiores. Há que ter sentido de estado. Disseram-me. E não há lugar para choraminguices, menina!

O restaurante foi engolido pelas águas do rio mas esta estória de monstros não foi engolida nem esquecida. Programa de Ajustamento Estrutural e o poema do nosso Zé Mário:

*- (...) entretém-te filho e vai para a cama descansado que há milhares de gajos inteligentes a pensar em tudo neste mesmo instante, enquanto tu adormeces a não pensar em nada, milhares e milhares de tipos inteligentes e poderosos com*

*computadores, redes de polícia secreta, telefones, carros de assalto, exércitos inteiros, congressos universitários, eu sei lá! (...) a ver quem se vai abotoar com os 25 tostões de riqueza que tu vais produzir amanhã nas tuas oito horas. A ver quem vai ser capaz de te convencer de que a culpa é tua e só tua se o teu salário perde valor todos os dias, ou de te convencer de que a culpa é só tua se o teu poder de compra é como o rio de S. Pedro de Moel que se some nas areias em plena praia, ali a 10 metros do mar em maré cheia e nunca consegue desaguar de maneira que se possa dizer: porra, finalmente o rio desaguou!*

Esta estória não tem nem final nem final feliz, nem nenhum tipo de final. É uma tragédia a acontecer sempre; é uma garra virulenta e mortal que se repete todos os dias debaixo de sol e de chuva, neve, vento e tempestade de areia.

Já ouvi de tudo, já li um pouco de tudo e não se fala de outra coisa. Fala-se de abraços e beijos virtuais; das solidariedades e dos egoísmos que explodem; de mortos e vivos e de mortos-vivos; fala-se de prejuízos e compensações às empresas; de liquidez induzida na economia e dos despedimentos sem remorsos; dos pangolins, dos ratos e dos morcegos; às vezes fala-se nos porcos. Fala-se na curva e em achatar a curva; fala-se na agonia do capitalismo e das evidências de que ele continua a comandar. Fala-se até que as fronteiras não existem e que somos igualmente vulneráveis, todas e todos! Que tolice, só fala assim quem está com 50 rolos de papel higiénico à mão, caixas de máscaras, luvas, comida com fartura, água potável, muita água potável, muita água e sabão, internet, electricidade, um teto decente um piso em madeira e lençóis limpos. Fala-se do desespero e do cansaço e afinal falamos ainda de um mundo que é ainda muito igual ao mundo que ainda conhecemos.

O que parecemos querer saber e do que não falamos é que os monstros há muito que estão à solta. E que a nossa luta é contínua, tem que ser incansável contra os monstruosos monstros e todos os seus Programas de Ajustamento Estrutural. Agora e sempre. Não nos podemos esquecer, como o rio parece se ter esquecido daquele restaurante que engoliu, de que há muito mais mundo para lá do nosso medo.

Já agora é preciso que saibam que em Moçambique, lá em Mocímboa da Praia, em Quissanga, na ilha do Ibo e em muitos outros lugares, do que se fala e não se esquece é a poderosa paz que não aparece.



alice®

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de CoimbraUNIVERSIDADE D  
COIMBRAOrganização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a CulturaUniversidade de  
Coimbra - Alta e Sofia  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.